

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

ARYANNY FERRAZ DE AGUIAR BARBOSA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SUAS
DESIGUALDADES NA ESCOLA**

APARECIDA DE GOIÂNIA
2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: ARYANNY FERRAZ DE AGUIAR BARBOSA

Matrícula: 20172090080036

Título do Trabalho: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES NA ESCOLA.

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

- () O documento está sujeito a registro de patente.
- () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- () Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 03/02/24.

Local

Data

Alexsandro Luiz de Aguiar Barbosa

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

ARYANNY FERRAZ DE AGUIAR BARBOSA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SUAS
DESIGUALDADES NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238 Barbosa, Aryanny Ferraz de Aguiar
 Reflexões iniciais sobre as questões de gênero e suas desigualdades na
 escola. / Aryanny Ferraz de Aguiar Barbosa. - Aparecida de Goiânia,
 2023.
 51 f.

 Orientadora: Dra Keith Daiani da Silva Braga
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
 Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
 Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2023.

 1. Gênero. 2. Educação escolar. 3. Machismo. I. Título.

CDD 305.409

 Catalogação na publicação:
 Suzane Gonçalves Duarte Peixoto – CRB 1/2746



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

ARYANNY FERRAZ DE AGUIAR BARBOSA

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES NA ESCOLA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia Bilingue** e desenvolvido na linha de pesquisa **Educação, cultura e sociedade** sob orientação da **Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga**

Aprovado em 13 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga

(Presidenta - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa.Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça

(Membra Interna)

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Daniella Couto Lobo

(Membra Interna)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ruskaia Fernandes Mendonca**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/12/2023 13:18:19.
- **Keith Daiani da Silva Braga**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/12/2023 11:00:59.
- **Daniella Couto Lobo**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 21/12/2023 10:57:16.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/12/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 484494

Código de Autenticação: ee94f471a2



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de conclusão de curso a Deus que me possibilitou concluir esse curso de graduação. Dedico também a toda minha família que esteve comigo em todos os momentos, em especial a minha mãe, meu pai, minha filha e meu esposo, sem o apoio e a ajuda deles eu não teria conseguido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a oportunidade e saúde para concluir esse trabalho.

Agradeço à minha família que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço ao meu esposo, Célio Barbosa, e à minha filha, Isadora Barbosa Aguiar, que são o meu alicerce e que sempre estão ao meu lado.

Agradeço à minha professora orientadora, Dra. Keith Daiani da Silva Braga, sem ela não teria sido possível realizar esse trabalho. Você foi de suma importância, me ajudou e não mediu esforços para me orientar, estando ao meu lado em todos os momentos, sempre com paciência e me auxiliando durante toda a escrita. Não tenho palavras para agradecer o seu empenho e dedicação para comigo.

**“O SILÊNCIO QUASE MÓRBIDO É
SUBITAMENTE INTERROMPIDO PELO SOM ESTRIDENTE DA SIRENE.
CORREDORES E PÁTIOS ANTES VAZIOS
AGORA DÃO LUGAR A GRITOS, RISOS E CONVERSAS INTERMINÁVEIS.
CORPOS SE PÕEM A CORRER – MENINOS E MENINAS.
GULOSEIMAS, PULA CORDA, AMARELINHA,
FUTEBOL, TACO, VÔLEI, PARQUINHO - INÚMERAS BRINCADEIRAS,
DESCANSO, BANHEIRO, JOGOS, ETC.
ENFIM LIVRES DOS OLHARES DOS ADULTOS”
(DIÁRIO DE CAMPO, EM 13 DE AGOSTO DE 2017).
(DIAS, RIOS E VIERIA, 2020)**

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se intitula: “Reflexões iniciais sobre as questões de gênero e suas desigualdades na escola”. Temos como objetivo geral compreender o que é gênero e como as suas questões e desigualdades aparecem na escola. Os objetivos específicos são: entender o conceito de gênero; analisar como as questões de gênero aparecem na escola: nos documentos curriculares, na visão das professoras e professores e na relação entre as crianças. A metodologia escolhida é a pesquisa de cunho teórico-bibliográfico. Ou seja, a partir de artigos, livros e pesquisas que foram feitas reflexões do assunto. O referencial teórico é composto por Joan Scott (1989), Louro (1995), Furlani (2016), Finco e Viana (2009), Escoura, Lins, Machado (2016), Moreno (1999) e são autoras que estudam gênero. Como resultados do estudo, entendemos que o gênero, segundo Scott (1989) é baseado nas diferenciações entre os sexos e uma forma primária de significar as relações de poder, para Louro (1995), gênero é algo imposto pela sociedade, essa sociedade impõe e define as características femininas e masculinas através e além do biológico, e para Furlani (2016, s/p) gênero “é tudo aquilo que a sociedade e a cultura esperam e projetam em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades, etc. para o menino e para a menina”. Outro resultado alcançado com o estudo foi perceber que quando pensamos nas questões de gênero na escola precisamos conhecer os documentos que orientam o currículo e a prática na escola. E a maioria dos documentos defendem a igualdade de gênero, mas na prática sabemos que não é bem assim, a escola não consegue garantir o que ditam os documentos, vivemos em uma sociedade machista, e por isso a escola é impactada por isso na forma como organiza meninos e meninas, no conteúdo, nas posturas docentes. Nossa pesquisa também refletiu sobre como as próprias crianças quando estão sozinhas no recreio escolar reproduzem as desigualdades de gênero ao ocuparem o espaço do recreio, onde meninas ficam em grupos, sentadas, conversando e ocupam um espaço menor e os meninos ocupam os maiores espaços, brincando, correndo e jogando bola. Outro aspecto que percebemos é que professoras e professores tem uma visão desigual de gênero sobre as crianças.

Palavras-chave: gênero, educação escolar, machismo.

ABSTRACT

This course conclusion work is entitled: "Initial reflections on gender issues and their inequalities at school". Our general objective is to understand what gender is and how its issues and inequalities appear at school. The specific objectives are: understand the concept of gender; analyze how gender issues appear at school: in curriculum documents, in the view of teachers and in the relationship between children. The chosen methodology is theoretical-bibliographical research. In other words, based on articles, books and research, reflections on the subject were made. The theoretical framework is composed of Joan Scott (1989), Louro (1995), Furlani (2016), Finco and Viana (2009), Escoura, Lins, Machado (2016), Moreno (1999) and they are authors who study gender. As results of the study, we understand that gender, according to Scott (1989) is based on differentiations between the sexes and a primary way of signifying power relations, for Louro (1995), gender is something imposed by society, this society imposes and defines feminine and masculine characteristics through and beyond the biological, and for Furlani (2016, s/p) gender "is everything that society and culture expect and project in terms of behavior, opportunities, capabilities, etc. for the boy and the girl." Another result achieved with the study was realizing that when we think about gender issues at school we need to know the documents that guide the curriculum and practice at school. And most documents defend gender equality, but in practice we know that this is not the case, the school cannot guarantee what the documents dictate, we live in a sexist society, and therefore the school is impacted by this in the way it organizes boys and girls, in content, in teaching attitudes. Our research also reflected on how children themselves, when they are alone in the school playground, reproduce gender inequalities by occupying the playground space, where girls are in groups, sitting, talking and occupying a smaller space and boys occupy the largest spaces, playing, running and playing ball. Another aspect we noticed is that teachers have an unequal gender view of children.

Keywords: gender, school education, sexism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - GÊNERO: REFLEXÕES CONCEITUAIS	14
CAPÍTULO 2 - GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES NO ESPAÇO ESCOLAR	25
2.1. As coisas não deveriam ser diferentes? O lugar do gênero nos documentos que regulam o currículo da educação brasileira.....	27
2.2 As diferenças e desigualdades de gênero começam cedo: naturais ou ensinadas?	34
2.3. A desigualdade de gênero nas interações entre as crianças: o recreio escolar.	38
2.4. Mudar o olhar: superar o androcentrismo e a masculinidade no centro da escola	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso traz como tema, “Reflexões iniciais sobre as questões de gênero e suas desigualdades na escola”. Tendo como objetivo central compreender o que é gênero e como as suas questões e desigualdades aparecem na escola.

A motivação de estudar e pesquisar o tema proposto se deve a minha primeira graduação em Educação Física, que cursei em (2009), na qual percebi que na época e naquele curso, o termo “gênero” ainda não era muito falado. Diante disso, não tive a oportunidade, como no curso de Pedagogia Bilíngue, de conhecer e estudar de forma um pouco mais direta sobre o assunto. Quando digo de forma um pouco mais direta, é preciso explicar que mesmo no curso de Pedagogia Bilíngue, não há na grade curricular do curso uma disciplina obrigatória focada no assunto, a forma de se estudar sobre o tema é se matriculando em uma disciplina “optativa”, que precisamos cursar para alcançar uma determinada carga horária para completar as horas totais do curso. Por isso, mesmo quem faz o curso de Pedagogia Bilíngue pode sair como eu saí da graduação em Educação Física, sem discutir de forma mais direta o gênero.

Sendo assim, hoje percebo que não pude contribuir de forma mais sólida e consciente com minhas alunas e alunos na escola em que tive a oportunidade de trabalhar como professora de Educação Física. Por isso, despertei o desejo de aprofundar mais no assunto, conhecer, pesquisar, estudar e poder contribuir futuramente com outras alunas e alunos, e também com trabalhos de pesquisa sobre gênero.

Atualmente, percebo que precisamos nos aprofundar em assuntos pertinentes ao nosso cotidiano, a necessidade de saber falar sobre gênero no contexto escolar se torna importante perante a tantas desigualdades sociais que temos na nossa sociedade, entender e respeitar o próximo vai além de condição social e intelectual. Com isso decidi estudar mais sobre o tema de gênero e trazer aqui o porquê da motivação em estudar esse tema no contexto escolar.

Ao iniciarmos nossa vida escolar, passamos pelas nossas primeiras situações de diferenciação mais explícita entre nós, por exemplo ao haver separação entre atividades para meninas e atividades para meninos, tanto ao formar filas para ir ao recreio, quanto nas aulas de Educação Física durante as práticas esportivas ou em uma apresentação festiva. Dessa maneira podemos perceber que o mundo é dividido entre feminino e masculino, e aprendemos também em qual dos dois lados devemos estar. E mais, aprendemos qual grupo tem maior valor social e qual tem menos.

Entendemos, neste TCC, que gênero é algo que foi construído culturalmente ao longo da história. Nessa construção a nossa sociedade entende, descreve e classifica como feminino e masculino as interpretações oriundas das percepções de diferenças em nossos corpos. As normas de gênero impactam em quem somos, como pessoas, em nossas emoções, em nossas práticas, além de estruturar a nossa sociedade.

No trabalho com crianças muitas vezes realizamos atividades que pensamos estar ajudando no crescimento e desenvolvimento delas. Quando propomos atividades divididas por gênero, ou atividades que reforçam as diferenças de gênero, acreditamos que essas atividades ajudarão as crianças na forma de pensar, agir, fazer, sentir, sendo meninas e meninos, dando a elas referenciais sobre o que pensamos ser papel da mulher e do homem. Contudo, com uma leitura crítica, percebemos que estamos na realidade produzindo diferenças profundas e até desigualdades de gênero. Meninas e meninos podem estar construindo visões preconceituosas e inferiorizantes a partir dessas atividades separadas por gênero. Devemos acreditar que é possível construir um ambiente escolar em que o gênero não seja restritivo e excludente, mas que seja plural, incluindo uma educação transformadora.

Tendo esse desejo em conhecer e aprofundar mais sobre o tema, eu escolhi tratar do assunto para entender o que é gênero e como as questões de gênero aparecem na escola. Minhas perguntas de pesquisa são: O que é gênero? Como o gênero aparece nos documentos curriculares? Como as professoras enxergam os meninos e meninas? Como os meninos e as meninas se comportam fora da sala de aula? Como ocupam o espaço da escola no seu momento livre? Tem uma série de outras perguntas que poderíamos fazer para ver as desigualdades de gênero na escola, mas considerando o tempo para desenvolver um TCC, as perguntas acima foram as que escolhemos.

Para atingir respostas para essas perguntas tenho como objetivo geral: compreender o que é gênero e como as suas questões e desigualdades aparecem na escola. Como objetivos específicos: 1- entender o conceito de gênero e 2- analisar como as questões de gênero aparecem na escola: nos documentos curriculares, na visão das professoras e professores e na relação entre as crianças. Como referencial teórico do trabalho de conclusão de curso temos várias autoras e autores que contribuem com essa pesquisa, muitos e muitas que discutem gênero na educação. Entre elas e eles estão: Louro (1995), Furlani (2016), Joan Scott (1989), Finco e Viana (2009), Escoura, Lins, Machado (2016), Moreno (1999).

A pesquisa é qualitativa de cunho teórico-bibliográfico. A pesquisa qualitativa diferente da quantitativa, não trabalha com números e sim com as reflexões, ela se preocupa como os significados e evidências para entender determinado assunto. A pesquisa é baseada em fontes bibliográficas: teses e dissertações que com dados de pesquisa do assunto, artigos, livros e capítulos teóricos sobre o conceito gênero e documentos curriculares.

Pesquisas com fontes bibliográficas são feitas através de estudos já realizados, para que possamos contribuir com sínteses e reflexões sobre os assuntos pesquisados, no sentido de tentar somar com estes vários outros trabalhos existentes (Gil, 2008). Consultei também as pesquisas etnográficas, com uso de entrevistas, com crianças em recreios escolares para entender se tem desigualdade de gênero quando elas estão mais livres e sozinhas. Foram as minhas perguntas de pesquisa que guiaram as leituras dos livros, artigos e estudos.

Os resultados do estudo, feito por essas leituras, estão organizados em dois capítulos. No primeiro “Gênero: reflexões conceituais”, apresento o que é o conceito de gênero para as teóricas feministas. No segundo, “Gênero e suas desigualdades

no espaço escolar” debate como as questões de gênero aparecem no currículo escolar, na visão de professores e professoras e nas interações entre as crianças fora da sala de aula, no recreio escolar. Ao final reflito sobre a importância de enfrentar o androcentrismo que apaga as mulheres da escola. O TCC finaliza nas considerações finais e nas referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 - GÊNERO: REFLEXÕES CONCEITUAIS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o que é gênero, de acordo com as definições de algumas autoras, teóricas feministas com relevância no assunto, e que escreveram sobre o conceito a partir dos anos 1980. A mais conhecida delas, por influenciar diretamente a terceira onda do feminismo é a estadunidense Joan Scott, uma das autoras mais influentes no pensamento feminista. Trabalhamos também com a Guacira Lopes Louro, brasileira e uma das teóricas da educação mais citadas no nosso país. Ao lado dela, a brasileira Jimena Furlani que debate a relação entre gênero e sexo biológico na Educação Escolar. E para finalizar, a autora negra Gloria Jean Watkins - bell hooks, que defendia a importância de uma educação feminista para todas as pessoas, inclusive homens.

Joan Scott, nasceu em 18 de dezembro de 1941 nos Estados Unidos. É uma historiadora feminista que iniciou seu trabalho acadêmico se dedicando, a história francesa (movimento operário e história intelectual), e já na década de 80 direcionou seu trabalho para a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero. Scott atuou como professora pesquisadora na área de Ciências Políticas no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, nos Estados Unidos. É uma das mais influentes teóricas de gênero da teoria feminista do mundo.

Guacira Lopes Louro, é brasileira, graduada em história (1969), doutora em educação e professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1990, junto com um grupo de estudantes da pós-graduação, fundou o GEERGE- Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero. Têm no currículo diversos livros publicados, assim como artigos e capítulos que em sua maioria tratam de questões de gênero e

sexualidade, quase sempre pensados pelo campo da educação, muito embora suas ideias tenham influenciado diversos campos do conhecimento.

Jimena Furlani, brasileira, professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) desde 1994, graduada em ciências biológicas e doutora em Educação (UFRGS-2005) na linha de pesquisa: Relações de Gênero, Sexualidade e Educação sob orientação de Guacira Lopes Louro. A autora, por ser da área da biologia, discute as relações entre sexo biológico e gênero nos estudos feitos na Educação, em especial a Educação Sexual.

Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense.

Entre essas e tantas outras autoras e autores feministas, Joan Scott é uma das autoras e teóricas de gênero com maior impacto na teoria feminista. Ela é referência teórica importante no estabelecimento dos estudos de gêneros no Brasil e no mundo, entre suas publicações mais notáveis está o artigo: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Por conta da popularização dessa publicação, o gênero passa a ser entendido como algo que diz respeito não somente as mulheres, mas aos homens também, de forma relacional e importante para analisar as desigualdades sociais.

Joan Scott (1995) abre seu texto “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica” com uma definição de gênero segundo o dicionário:

Gênero (gender), s., apenas um termo gramatical. Seu uso para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino ou feminino, com o significado de sexo masculino ou feminino, constitui uma brincadeira (permissível ou não, dependendo do contexto) ou um equívoco” (Fowler Dictionary of Modern English Usage, Oxford, 1940 apud Scott, 1995, p. 72).

Apresentando gênero pela divisão biológica entre pessoas e criaturas, entendendo apenas como um termo na diferenciação entre homem e mulher, é tudo aquilo que a nossa sociedade foi definindo ao longo do tempo e entendendo como comportamento baseado no sexo biológico.

Já ao consultarmos um dicionário atual da Língua Portuguesa (Oxford Languages, 2023 s/p), o gênero é: “diferenciação entre o homem e a mulher, conceito que distingue o aspecto biológico (macho e fêmea) do aspecto sociocultural (masculino e feminino)”, tendo em vista que o papel do homem e da mulher são produtos que a sociedade mesmo cria e impõe, sexo se refere assim às diferenças

biológicas, enquanto o gênero as diferenças sociais e culturais impostas pela sociedade.

Temos também muitas palavras masculinas e femininas para definir objetos, por exemplo: porta, mesa, cadeado, livro, caneta, porta, portão, entre outras tantas palavras, que na nossa língua portuguesa é marcado o gênero, sabemos que se diz “a porta” no feminino, ou “o cadeado” no masculino, mas nesses exemplos, o gênero da palavra não leva em conta nem o social e nem o biológico, tendo em vista que é apenas uma classificação das palavras, designando as coisas no masculino e feminino.

É importante perceber quando gênero passa a ser utilizado como algo social. Nos anos 60/70 as feministas dos Estados Unidos começaram a utilizar a palavra gênero, começando a se referir a organização social e relação entre os sexos:

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades (Scott, 1989, p.03).

As feministas estadunidenses estavam buscando compreender como “gênero” era usado no passado, se interessando tanto pela história dos homens quanto das mulheres, compreendendo “a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas” (Scott, 1989, p. 03). As feministas americanas, dessa época, defendiam que o estudo do “gênero” traria uma visibilidade acerca das mulheres, que buscavam reconhecimento perante a sociedade que viviam, queriam que fossem reconhecidas uma vez que acreditavam que as mulheres estavam ganhando visibilidade, sendo vistas não como objetos ou alguém que era “escravizada pela sociedade”, mas que naquele momento começavam a ganhar voz e por isso mereciam um campo de estudos.

Com o movimento feminista ganhando força, a partir da década 70, o tema gênero começa a ser apresentado tentando trazer visibilidade para as mulheres, pois falar das mulheres usando esse termo seria mais “fácil” e “aceito”. As pessoas, principalmente os homens se interessariam pelo tema sem antes saber do que se tratava, a mulher poderia ser vista, “lida” e talvez compreendida, alguém poderia se interessar por um livro, ou texto escrito sobre mulheres, sem parecer uma coisa de

menor valor, pois o termo gênero parecia chamar mais a atenção científica (Louro, 1995).

Dito de outro modo, no começo dos anos 80 surge uma primeira concepção sobre gênero como sinônimo de mulheres. Nessa época, livros, textos, artigos que surgiam falando sobre as mulheres usavam a palavra gênero, pois as feministas autoras acreditavam também que se usassem a palavra gênero no lugar da palavra mulher ficaria mais “elegante”, “mais bonito”, mais formal e o trabalho seria mais respeitado. Buscavam nomear as mulheres dessa forma acreditando criar uma legitimidade aos estudos feministas e reconhecimento das mulheres na sociedade (Scott, 1989). Para Louro (1995, p.103) isso teve: “uma motivação estratégica, no sentido de tentar contribuir para a legitimação dos estudos sobre a mulher, conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante”.

A segunda concepção que surge é a de gênero enquanto homens e mulheres em relação, ou seja, relacional. Nessa perspectiva não se estuda separado, gênero não significa mais só mulheres, ele serve tanto para designar o estudo das mulheres quanto dos homens. As feministas dessa linha entendem que sem as mulheres os homens não existiriam: “o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo” (Scott, 1989, p. 07), não se pode então estudar as mulheres separadas dos homens. Dessa maneira o gênero está sendo “utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (Scott, 1989, p. 07). Estudos dessa linha entendem o gênero, como algo imposto pela sociedade, por exemplo, para a sociedade ser mulher seria ter filhos e ser homem ter maior força muscular. A sociedade impõe, por exemplo, a delicadeza, fraqueza, passividade para as mulheres brancas e ao mesmo tempo que impõe força e poder para aos homens brancos. O gênero então, surge como algo novo e ainda sem explicação sólida, mas construído através das relações sociais (Scott, 1989).

Como não tinha muita definição para o termo gênero, até os anos 1980, as historiadoras feministas da época começam a buscar respostas para o conceito de gênero trazendo consigo algumas teorias. A primeira delas está relacionada ao patriarcado, que é quando as mulheres se tornaram historicamente subordinadas pelos homens, propriedade e mandadas por homens, nesse caso: o pai, o marido. No patriarcado, há a necessidade do homem em comandar e ter a posse das mulheres, o homem está acima de qualquer coisa, a mulher é vista como uma figura subordinada aos homens, relacionada também a reprodução da espécie. Nessa

primeira teoria, do patriarcado, podemos observar a mulher sendo dominada a todo instante pelos homens, as desigualdades em todos os sentidos, seja ela social ou física. Assim, as historiadoras do patriarcado queriam descobrir como o patriarcado surgiu e por qual razão, elas queriam com isso encontrar a origem da desigualdade entre homens e mulheres em todas as sociedades (Scott, 1989).

Na segunda teoria traz gênero debatido com o “patriarcado e o capitalismo”. As feministas dessa linha debatem a questão da origem também da opressão das mulheres, pois antes do capitalismo já havia as mulheres, de outras maneiras, já eram subordinadas aos homens. Mas estavam focadas no debate da classe social. No Brasil, nessa linha temos importantes trabalhos de feministas marxistas como a Saffioti.

A terceira teoria discute como chegamos a nos identificar como homem e mulher. Nessa terceira teoria as crianças, principalmente brancas, cresciam em um lar em que aprendiam que os pais precisam sair de casa para trabalhar, enquanto que as mães ficariam em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos e filhas, como se isso não fosse um trabalho e sim uma obrigação, algo que a mulher teria que fazer todos os dias, porque é sua “obrigação”, limitando o conceito de gênero “à esfera da família e à experiência doméstica”. Nessa teoria gênero é algo ensinado na própria convivência familiar (Scott, 1989).

Desde meados do século XIX temos mulheres questionando a desigualdade de gênero, sem usar essa palavra “gênero”, mas só a partir do século XX que as feministas começaram a estudar mais e de forma teórica sobre esse tema, trazendo definições na tentativa de mostrar o modo mais adequado de explicar a desigualdade entre homens e mulheres.

Scott (1989) apresenta sua definição de gênero dividida em duas partes e várias subpartes:

Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (1989, p.21).

Scott (1989) define o gênero a partir de alguns pontos de vista: das relações sociais e das diferenças entre os sexos e as relações de poder, para isso, no seu

texto ela relaciona quatro elementos constituintes: o primeiro diz respeito a mulher, como símbolo contraditório na tradição cristã, ao mesmo tempo que a mulher é pura, ela é trevas, que relaciona “Eva e Maria”, a mulher seria aquela que trouxe o caos ao homem e ao mundo (Eva), e a outra trouxe o filho de Deus, a purificação, a salvação (Maria). O segundo elemento, são os conceitos que trazem as expressões referentes ao feminino e ao masculino, expressos agora não apenas na religião, mas nas doutrinas: “educativas, científicas, políticas ou jurídicas” (Scott, 1989, p.21). Aqui a autora mostra que gênero se expressa em tudo, na escola, ciência, na política, nas leis, entre outros.

O terceiro está mais relacionado a política, ao poder, fazendo referências ao meio social (Scott, 1989). Nesse momento podemos perceber a discussão também com relação as desigualdades entre mulheres e homens. A mulher branca de classe média como dona de casa, cuidando da parte doméstica, cuidando da família, os homens inseridos no mercado de trabalho. E quando as mulheres trabalham fora de casa, recebem salários menores. Gênero se relaciona ao poder, pois as mulheres começam a aparecer no meio político, a exercer seus direitos apenas no século XX, tendo em vista que antes disso as mulheres não podiam nem votar, quem dirá se candidatarem a algum cargo político.

E por último, o quarto aspecto discutido pela Scott (1989) “é a identidade subjetiva”, em que a sociedade fantasia o corpo e a sexualidade, são as visões que a cultura vai reforçando sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. A ideia de que homens por serem homens, seriam mais fortes e inteligentes do que as mulheres, como se as mulheres por serem mulheres tivessem um corpo menos capaz, fossem burras.

Louro (1995) analisa em seu texto “Gênero, história e educação: construção e desconstrução” as ideias de Joan Scott, que se tornaram referência para os estudiosos e estudiosas de gênero nas décadas de 80 e 90.

Para Louro (1995) a Joan Scott em seu texto “Gênero: uma categoria de análise histórica”, apontou que o surgimento do gênero acontece quando as feministas estavam procurando fazer a diferença perante os movimentos sociais, quando a mulher começava a deixar de ser vista como invisível ou “não vista” perante a sociedade. A mulher branca de classe média, até meados do século XX, era alguém que deveria ficar somente em casa cuidando dos afazeres domésticos e da família, não tinha voz.

As mulheres negras, até quase o final do século XIX, eram escravizadas, sofriam mais ainda, pois muitas vezes eram usadas como se fosse mercadoria. Dentre tantas outras violências e transtornos que as mulheres passavam, elas não tinham voz em nada, foi a partir de alguns movimentos, iniciados no século XX, que elas, as mulheres brancas, começam a ganhar força, conseguindo primeiro o direito de votar, começando a sair de casa, podendo ganhar seu espaço, estudando, trabalhando e mais tarde fazendo parte também do meio político, visto antes um espaço somente de homens, são essas mudanças alcançadas que permitiram o surgimento dos estudos de gênero. (Louro, 1995).

Louro (1995) conceitua gênero da seguinte maneira:

Gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (1995, p. 103).

Com a Louro (1995) entendemos que o gênero não tem explicação pelo biológico e sim pelo social, as instituições são “generificadas”, organizadas de acordo com o gênero, exemplos: escola: um ambiente feminino, pois a maioria das pessoas que trabalham nessa instituição são mulheres, maioria professoras, poucos professores homens; nas igrejas: líderes religiosos em sua maioria são homens, as religiões em si são masculinas, um exemplo disso vem da igreja católica, onde vemos a figura só masculina a frente do movimento religioso; no meio judiciário também vemos bastante explícito a figura masculina, onde quase não vemos juízas e sim juízes; no meio militar, no exército e nas forças armadas, a figura que mais se destaca é a masculina, pois se trata de um espaço onde a “masculinidade” e “estratégia” são consideradas as principais ferramentas e as mulheres não possuíam a mesma oportunidade por serem consideradas “femininas” e “burra”, que não conseguiriam desempenhar os mesmos serviços masculinos. Inclusive, as mulheres conseguiram adentrar no meio militar através de serviços prestados voluntariamente, como: ajudantes, enfermeiras, cozinheiras, médicas, entre outros, só mais tarde é que começaram a lutar por vagas e conseguir adentrar de forma a “servir a pátria”.

Com as autoras Scott (1995) e Louro (1995) entendemos que o gênero então é inventado e construído por cada sociedade e em diferentes momentos históricos. No século XVI, por exemplo, no Brasil as mulheres brancas não podiam ensinar e nem frequentar locais de estudo, e hoje elas são maioria dentro do meio escolar (Louro, 1995).

É importante destacar que por volta dos anos de 1970 surge o feminismo negro, quando as mulheres negras começaram a ganhar mais destaque. Foi preciso surgir o feminismo negro para que as mulheres negras pudessem reivindicar seus direitos, pois mesmo tendo o movimento do feminismo no Brasil ou nos EUA, as mulheres negras não se sentiam contempladas com o que o movimento reivindicava na época (Lins, Machado e Escoura, 2016). Durante muito tempo as mulheres negras serviam para trabalhar na casa das mulheres brancas e serem quase “escravizadas” por elas. Podemos perceber que um movimento liderado por mulheres para reivindicar seus direitos, acabava por ferir os direitos de algumas mulheres, entravam em contradição ao deixarem as mulheres negras de fora, ou não fazerem nada para acabar com o preconceito e a discriminação de cor e raça. Muitas vezes podemos observar que mulheres negras e brancas no mesmo ambiente de trabalho não são tratadas da mesma forma, em alguns casos ainda vemos mulheres negras desempenhando papéis como empregadas domésticas em maior escala do que mulheres brancas. E além de lutar por direitos iguais, as mulheres negras ainda sofriam por serem em sua maioria assediadas pelos homens, por se acharem donos delas.

Nos anos 1980 temos muitas lutas ligadas as mulheres negras, com suas próprias reivindicações elas começam a mostrar que alguns pontos da realidade vivida por elas, era diferente das mulheres brancas. As mulheres negras conforme já dito sempre trabalharam e no pesado e mesmo depois da escravidão não tinham seus direitos no trabalho ouvidos.

As mulheres negras, além de sofrerem com o racismo, a discriminação e o preconceito, ainda sofriam com a opressão machista. Enquanto mulheres brancas eram vistas como sexo frágil e as cuidadoras do lar, as mulheres negras eram vistas como “mulheres trabalhadoras” e que possuíam força para exercerem qualquer atividade proposta, todo tipo de trabalho era atribuído as mulheres negras (Carneiro, 2011). Se dentro do movimento feminista havia desigualdade, dentro do movimento negro não era diferente, havia desigualdade entre mulheres e homens. As mulheres

negras nunca saíam a frente dentro do movimento, enquanto os homens negros se sobressaíam a frente do movimento e lutas reivindicadas (Lins, Machado e Escoura, 2016).

O feminismo após as críticas das mulheres negras começa a ser mais inclusivo a partir dos anos 1990 e acolher diferentes mulheres. E assim, depois de muita luta, as diferentes mulheres saem desse papel de inferioridade e começam a ser vistas de outra forma. As feministas começam a entender que as mulheres precisam ser vistas de outra maneira, e não continuarem sendo vistas como alguém inferior, escondidas por trás de algum homem, e sim como sujeitos, como agentes capazes de fazer mudanças tanto históricas, quanto sociais.

Nesse momento, a partir do final dos anos 1980 e 1990, o conceito gênero aparece como outra representação, dentre tantos diferentes conceitos e perspectivas, “surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo.” (Louro, 1995, p. 103).

A partir de então começa a se pensar em gênero não mais como algo ligado ao conceito biológico, como ser homem e mulher, mas sim a partir de contextos sociais e culturais. Gênero passa a explicar: como as diversas diferenças entre os homens e as mulheres são reforçadas; o papel que cada um ocupa na sociedade e o lugar que cada um pode ocupar; pois até o século XX as mulheres não podiam ocupar os mesmos espaços de trabalho dos homens, e agora além delas ocuparem esses espaços elas começam também a ganhar voz e a reivindicar os seus direitos (Louro, 1995).

O conceito de gênero, escrito por Scott (1995) surgiu para ajudar as(os) demais estudiosas(os) da época, dos anos 70 e 80, a se aprofundarem no assunto trazendo novas reflexões, por exemplo, do gênero como algo construído, social e histórico nas relações entre os homens e as mulheres (Louro, 1995). Muitas vezes tendo relações diretas com o poder, afinal ser homem e ser mulher é acessar o mundo de forma diferente. Para as mulheres é ter menos acesso aos recursos materiais e simbólicos, por exemplo: dinheiro, estudo, prestígio, respeito, saúde, segurança, terras, entre outros.

Com a estudiosa Furlani (2016), traremos como o gênero tem sido discutido no Brasil. Segundo a autora, ele se tornou mais popular entre as pessoas fora das

universidades “nas discussões sobre os Planos de Educação” a partir de 2014 (Furlani, 2016).

Infelizmente surgiu também muitas polêmicas acerca desse termo “gênero”, no nosso país, principalmente no âmbito evangélico e político, pois muitos políticos e liderança religiosas estavam alegando que a partir do momento em que se discutisse gênero dentro do ambiente escolar as crianças seriam levadas a ficarem confusas e sem saber o que fazer e o que ser “homem ou mulher” perante a sociedade. Pessoas que não tem estudo e entendimento na área imaginavam que o termo gênero viria para confundir a cabeça das pessoas e que essas seriam doutrinadas a partir da “ideologia de gênero” (Furlani, 2016, s/p).

De acordo com a autora Furlani (2016) que é formada na biologia e estudiosa de gênero e sexualidade na Educação, para começar a resolver essa confusão, precisamos entender o que é gênero, dentro da biologia e no meio social. Através da biologia sabemos que todos nós possuímos um sexo e este engloba todas as nossas características corporais, nosso físico, nossos cromossomos, nos definindo como macho/fêmea. Já no meio social: “o gênero é tudo aquilo que a sociedade e a cultura esperam e projetam, em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades etc. para o menino e para a menina” (Furlani, 2016, s/p).

No meio social, é importante entender o que a sociedade nos impõe desde séculos passados, sendo que em cada século, em cada tempo e em cada lugar do mundo havia uma forma diferente de viver o gênero, ou seja normas de gênero diferentes, um exemplo disso é o que uma mulher não podia fazer ou podia 100 atrás, que hoje não vale mais. As mulheres não tinham o direito de votar e nem participar das questões e atos políticos 100 atrás, em lugares diferentes ainda hoje em alguns países existem regras que as mulheres precisam seguir, e isso inclui não participar de determinadas decisões, trabalhar fora de casa, mulheres que precisam sair de casa com o corpo e rosto todo coberto para não se expor. Existe ainda o domínio dos homens sobre as mulheres em determinados locais, pois isso é uma forma de se ter a mulher submissa aos homens.

Aqui no Brasil podemos perceber o avanço e “independência das mulheres”, muitas já não precisam mais de homens para contribuir com a sua sobrevivência, nós temos várias mulheres que são as chefas de família no Brasil. Antigamente as mulheres eram vistas como figuras relacionadas à reprodução, elas deveriam se casar, reproduzir e cuidar da casa, e ao trabalhar era esperado que atuassem

somente no doméstico (cuidar, limpar, cozinhar, servir, educar, orientar). Hoje percebemos as mulheres mais independentes e decididas se querem ou não se casar, se querem ou não ter filhos, as mulheres hoje estão inseridas no mercado de trabalho, são empresárias, professoras, médicas, policiais, entre tantas outras profissões. Tudo isso nos mostra que o gênero é cultural, ele vai mudando com o tempo, com a história, não é algo natural.

Hoje através de alguns estudos podemos entender que surgiu a necessidade de se aprofundar no tema gênero para que seja possível saber e diferenciar as desigualdades, tratamentos discriminatórios e preconceitos existentes no nosso meio (Furlani, 2016). E estes estudos, os de gênero, tem muito a contribuir com a área da Educação. É por meio da educação que podemos ajudar a mudar as regras de gênero que ainda colocam as mulheres em posição de inferioridade.

Para fecharmos o capítulo, vamos falar sobre a importância do feminismo para a autora bell hooks. Em seu livro “O feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras” (2018), a autora nos faz refletir sobre a importância de estudar e conhecer sobre o assunto ao qual queremos debater aqui sobre o feminismo e o gênero. Em seu livro bell hooks conta sua experiência quando questionada pelas pessoas sobre o que é ser feminista e o que é o feminismo e relata que ao explicar e conversar com as pessoas sobre o verdadeiro significado, muitas se surpreendiam ao pensar que as mulheres lutam para querer ser melhores do que os homens, que as mulheres são bravas e não gostam dos homens, ao conversarem com bell hooks percebem a diferença em conhecer o feminismo de maneira crítica e não os mitos ditos por muitos, as pessoas realmente entendem o significado. Deixo aqui a reflexão de que: precisamos estudar e pesquisar, conhecer e debater antes de falar qualquer coisa, ou ouvir e reproduzir os que pessoas “não estudadas” dizem.

“Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p.13). A autora usa essa definição para explicar de forma clara o que é o feminismo e para deixar explícito “que o movimento não tem a ver com ser anti-homem” (hooks, 2018, p.13), para a autora o sexismo presente na nossa sociedade é que atrapalha, esse é o “problema”, porque somos ensinados desde o nascimento a socializar de maneira que a sociedade impõe desde os tempos antigos, mantendo o patriarcado como base e as mulheres apagadas, fazendo com que nós mulheres continuemos reproduzindo atitudes

sexistas iguais aos homens. E que, se os homens procurassem conhecer melhor e mais a fundo o feminismo, eles conseguiriam compreender as mulheres.

CAPÍTULO 2 - GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Neste capítulo faremos uma reflexão sobre a desigualdade de gênero na educação escolar e suas características, conforme objetivo de nossa pesquisa. Conforme explicado na introdução do trabalho, analisar o gênero na escola e suas desigualdades possibilita discutir uma série de pontos, mas como aqui se trata de um TCC, com tempo menor de pesquisa, escolhemos abordar os seguintes: o gênero nos documentos curriculares, a diferenciação que começa cedo e aparece na visão de professores e professoras, a desigualdade nas interações entre as crianças no recreio escolar e a importância de enfrentar o apagamento das mulheres e pensar uma escola diferente, sem androcentrismo.

Em primeiro lugar, em um TCC na área da educação, que quer questionar a educação machista precisa saber o que é educar, o que significa isso e de que maneira acabamos educando os meninos e as meninas de modo desigual na escola.

Toda sociedade tem que preparar as pessoas para viverem nela, e a educação serve para ajudar formar cada ser humano. De acordo com Libâneo (2017, p. 18):

[...] Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

E essa sociedade citada acima é formada por: familiares, amigos e amigas, professores e professoras, instituições de ensino e aprendizagem, instituições religiosas, instituições de trabalho, locais destinados ao lazer, seja ele público ou

privado. E para isso é necessário que essa sociedade que se encontra em constantes mudanças e evolução se atualize também no processo de ensino e transformação no sentido de construir um mundo mais justo, para que cada indivíduo se renove frente aos acontecimentos existentes e atualizações do que torna a nossa vida melhor.

A educação segundo Libâneo (2017) “é um fenômeno social”, não tem como vivermos em uma sociedade sem pensar na educação, somos criados para aprender primeiramente a viver em família, nosso primeiro grupo social, e depois no restante da sociedade. Somos apresentados a esse mundo cheio de mudanças e desafios, e nesse processo, a educação é capaz de permitir que nós tenhamos nossas próprias ideias e conceitos, e ao mesmo tempo precisamos nos preocupar e ficar atentos e atentas as questões preconceituosas e racistas, porque apesar da nossa “liberdade de expressão” devemos procurar estudar antes de debater qualquer tema, qualquer assunto, sem argumento, pois sem fundamentação de nada adianta e além disso o principal que devemos ter é o respeito e a empatia, características essenciais para uma vida coletiva:

Conforme dissemos, a educação é um fenômeno social. Isso significa que ela é parte integrante das relações sociais, econômicas, políticas e culturais de uma determinada sociedade. Na sociedade brasileira atual, a estrutura social se apresenta dividida em classes e grupos sociais com interesses distintos e antagônicos; esse fato repercute tanto na organização econômica e política quanto na prática educativa. Assim, as finalidades e os meios da educação subordinam-se à estrutura e dinâmica das relações entre as classes sociais, ou seja, são socialmente determinados (Libâneo, 2017, p.20).

A educação e a escola deveria ser um local igualitário, mas segundo Libâneo (2017) podemos perceber que a educação não é assim e de acordo com Candau (2011) a escola foi construída e pensada como um lugar que apesar de homogêneo seria igualitário, mas está muito longe de ser, um local onde todos deveriam ser considerados e respeitados por igual, mas assim não é. As pessoas no espaço escolar são tratadas de forma diferente e desigual:

[...] A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver (Candau, 2011, p. 241).

Conforme trabalhado pela autora, a escola não foi construída para lidar com as diferenças de forma positiva. Sabemos que o problema não é ser diferente, mas ser tratado “com diferença” no sentido de ser tratado como inferior.

A diferenciação por gênero infelizmente se encontra bem presente na escola. É ali na instituição que começam essas diferenças, desde a educação infantil as crianças já aprendem as diferenciações entre meninos e meninas, coisas ditas como de menino e menina, brinquedos para meninos e para meninas, cores de meninos e de meninas, enfim, uma diversidade de “justificativas” para separar o masculino do feminino. Existem diferenças no ensino, e no que diz respeito às diferenças sociais: de raça, cor, gênero, classe social todas estão ali influenciando a forma de tratamento na escola (Cruz, 2014). Nem todos recebem a mesma educação no espaço escolar, as pessoas negras não são tratadas da mesma forma que as pessoas brancas, crianças com deficiência não são tratadas da mesma maneira que as crianças consideradas “normais” (CRUZ, 2014).

São tantas discriminações e preconceitos que ainda existem dentro do ambiente escolar, quando na realidade ele deveria ser um dos primeiros lugares a banir esse tipo de atitude. Se ali é um local aberto (considerado para todos e todas), automaticamente também deveria ser um local acolhedor, onde recebe todos e todas de forma igualitária. Neste capítulo queremos observar o que a escola deveria ser (conforme seus documentos normativos) e as reflexões sobre a desigualdade que ela tem, a partir de dados de pesquisa e estudos teóricos.

2.1. As coisas não deveriam ser diferentes? O lugar do gênero nos documentos que regulam o currículo da educação brasileira

Os documentos curriculares nacionais abordam como deve ser a educação brasileira, o objetivo deles é direcionar e estabelecer a organização dentro do ambiente escolar e o que se ensina na escola. Ele norteia as relações de trabalho e/ou convivência, mostram o que deve fazer parte do currículo e como devem ser as propostas pedagógicas. Estes documentos, do nosso país não apoiam a desigualdade de gênero.

Os princípios destes documentos, sobre a desigualdade de gênero, no ambiente escolar com frequência são “contrariados”. E esses documentos trazem

importantes referenciais, que nós deveríamos respeitar no dia a dia dentro dos ambientes escolares.

Começando pela educação infantil, primeira etapa da educação básica, temos o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (RCNEI). Em seus três volumes, na apresentação do documento já aparecem que o objetivo do RCNEI é contribuir para o:

[...] planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas que considerem a pluralidade e diversidade étnica, religiosa, de gênero, social e cultural das crianças brasileiras, favorecendo a construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país (RCNEI, 1998, p.09, vol.1).

Através do RCNEI podemos perceber a importância de documentos que trazem à diversidade e a pluralidade dos conteúdos que devem ser abordados dentro do ambiente escolar, a educação infantil se torna hoje de suma importância para as famílias, é através dela que se iniciam a conscientização, o aprendizado e a convivência das crianças de zero a cinco anos e 11 meses de idade. É importante ressaltar que: a partir do momento que as crianças adentram o ambiente educativo, elas começam a se desenvolver ainda mais, desenvolvimento não apenas dos conteúdos previstos, mas os aprendizados que já contam tanto para sua formação ao longo da trajetória escolar, como também para a formação pessoal. São espaços como o da escola ou da Educação Infantil que irão levar o indivíduo a pensar de forma mais sistemática e científica, levando também para desenvolver capacidade de ter empatia, solidariedade, trabalho coletivo, tendo como objetivo principal o desenvolvimento integral da criança em uma sociedade mais democrática.

Encontramos no volume dois do Rcnei, uma parte específica para debater a identidade de gênero na educação infantil e o respeito a diversidade:

No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher (RCNEI, 1998, p.41, vol.2).

Como na citação acima, um trecho retirado do volume 2 do Rcnei, podemos observar que desde 1998 já se deveria discutir e abrir a mente para os conceitos de identidade de gênero, desenvolvendo ações para ensinar a respeitar, e tratar com igualdade as pessoas de “sexo diferentes”, possibilitando também que as crianças desde a sua fase inicial pudessem brincar e viver experiências relacionados “tanto

ao papel de homem como ao de mulher”, e hoje depois de 25 anos sabemos que se tentarmos colocar isso em prática geraria uma série de conflitos, pois se professores e professoras quisessem seguir com uma educação não machista, tentando conscientizar alunos e alunas, muitos e muitas profissionais e até mesmo familiares não estariam de acordo com esse tipo de “ensinamento”. Sabemos disso pela análise que a Furlani (2016) fez de como a ideia de “ideologia de gênero” invadiu a cultura brasileira.

E se pararmos para pensar, podemos perceber o quão importante é que meninos e meninas brinquem com brincadeiras e aprendam a exercer atividades tanto para meninos quanto para meninas, para que: meninos, por exemplo, possam aprender a assumir também suas responsabilidades de cuidar das pessoas, pai e mãe, avó, avô, tios e tias com os afazeres domésticos, para que possam ajudar a cuidar de algum (a) parente doente ou que precise de outro tipo de ajuda, limpar e organizar suas coisas, para que se tornem homens mais maduros e resolvidos consigo mesmos, para que possam entender que homem pode sim chorar, pode sim fracassar, pode sim perder, mas para isso precisa de maturidade para levantar, erguer a cabeça e começar do zero novamente, e que tudo isso faz parte da vida de um ser humano.

Para as meninas o quão importante seria vivenciar brincadeiras e brinquedos “de meninos”, teríamos mais mulheres no esporte, o futebol feminino seria mais reconhecido, teríamos mais mulheres trabalhando como motoristas, em fábricas de automóveis, engenheiras, cientistas, empresárias, advogadas, juízas e em tantas outras profissões em que vemos a maioria sendo ocupadas por homens.

Observando todos os volumes que contemplam o Rcnai, é preciso estar atentos e atentas a todas as formas de como saber lidar com assuntos diversos, principalmente nos primeiros anos da educação infantil e nas series iniciais do ensino fundamental, para que os professores e professoras saibam lidar e não deixar que atitudes corriqueiras que inferiorizam as mulheres sejam reproduzidas e continuem sendo repetidas, principalmente pelas crianças.

Sabemos que é nessa fase que as crianças começam aprender papéis sociais, e essa aprendizagem acontece muitas vezes pelas repetições, e essas repetições acontecem por meio das atitudes dos adultos, das pessoas com as quais as crianças convivem. Então é necessário nesse momento aproveitar a abertura maior a aprendizagem, e o mundo novo em que as crianças começam a conviver,

para ensinar sobre os assuntos que fazem a diferença, crianças precisam aprender que: meninos e meninas podem brincar com carrinhos, bonecas, bolas, brincar de casinha e que a separação das coisas por gênero veio através da nossa sociedade e que não é impedimento brincar com essas coisas, sendo menino ou menina. Precisam aprender também, que todos e todas devem ajudar a cuidar da casa, realizar tarefas de limpeza e organização, pois, se todos que moram ali: comem, dormem, usufruem e dividem o mesmo espaço, por que não cuidar desse espaço juntos e juntas? Aprender o respeito ao corpo do outro, a convivência sem violência.

Para concluir, percebemos que o RCNEI dá suporte para que os professores e professoras trabalhem nas crianças da Educação Infantil valores de igualdade e respeito entre homens e mulheres.

Nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, as propostas pedagógicas deveriam contemplar “novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” (DCNEIs, 2010, p.17). Aqui se encontra mais um documento que discute a importância de se trabalhar e socializar com as crianças, desde a educação infantil, temas que passam despercebidos aos nossos olhos e romper com a dominação de gênero.

É importante se perguntar de que modo estão sendo trabalhados, se as instituições estão conseguindo cumprir sua função¹, se os e as profissionais estão sendo bem formados para poderem enfrentar essa dominação de gênero, que chamamos de machismo.

Acredito que os e as profissionais que atuam com a infância precisam passar por formação continuada para acompanharem as mudanças na área da educação e se fortalecerem para cumprir com os documentos. Na formação continuada, quando convidamos profissionais para abordar esses documentos todos os anos dentro das escolas, eles e elas tem que ter muito fundamento e domínio sobre o assunto. Os professores e professoras, contam também com essas orientações, para perder o medo e estar à frente dominando todos esses conteúdos, e procurando se atualizarem todos os dias. Ainda assim, mesmo os professores e as professoras estudando e se atualizando sobre o tema pode acontecer de serem bombardeados e

¹ As diretrizes são documentos normativos, por isso, devem ser seguidos.

bombardeadas pelos familiares e até mesmo alguns profissionais dentro do ambiente de ensino, se os mesmos demonstrarem não ter conhecimento é melhor nem tentar abordar o tema em questão, pois serão muito criticados e criticadas. As professoras e professores sentem medo em discutir o tema com alunas e alunos, sentem que podem ser reprimidas e até mesmo demitidas ou demitidos, pois é preciso que a escola proporcione momentos de formação a esses profissionais, para que sintam confiança em abordar o tema e respaldo por parte da diretoria da escola. Precisa haver formação continuada para também levar palestras aos familiares, tentando abrir a mente para conhecer e entender o que é gênero.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica também há um compromisso de enfrentar a desigualdade de gênero na escola:

Cabe, nesse sentido, às escolas desempenhar o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, fundamentadas no pressuposto do respeito e da valorização das diferenças, entre outras, de condição física, sensorial e socioemocional, origem, etnia, gênero, classe social, contexto sociocultural, que dão sentido às ações educativas, enriquecendo-as, visando à superação das desigualdades de natureza sociocultural e socioeconômica (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013, p.27).

Na educação básica, por meio deste documento, entendemos que é preciso compromisso e que o papel das escolas é desempenhar a função de orientar e buscar trabalhar de forma a conscientizar e desenvolver as propostas pedagógicas, as quais levem os alunos e as alunas a aceitarem e principalmente respeitarem os colegas e as colegas independentemente de sua classe, cor, raça, gênero e etnia, superando preconceitos e desigualdades. Sobre isso, na Educação Infantil: “O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil” (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013, p.89).

Concordando com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, é responsabilidade dos sistemas educativos criarem condições para que todos e todas tenham direito e oportunidade de uma boa formação, uma formação que inclua tudo o que é necessário para uma boa aprendizagem e que contenha conteúdos novos e atualizados que andem em conformidade com os documentos básicos da educação, cumprindo seus deveres:

É responsabilidade dos sistemas educativos responderem pela criação de condições para que crianças, adolescentes, jovens e adultos, com sua diversidade (diferentes condições físicas, sensoriais e socioemocionais, origens, etnias, gênero, crenças, classes sociais, contexto sociocultural), tenham a oportunidade de receber a formação que corresponda à idade própria do percurso escolar, da Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Médio (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013, p.35).

Professores e professoras independentemente das disciplinas que ministram precisam saber articular conhecimentos que atravessam a vida aos seus conteúdos, exemplo: professores e professoras por área, como: educação física, história, geografia, matemática, português, artes, ensino religioso, ciências, precisam dominar os seus conteúdos, além de analisar as histórias do passado, buscando mostrar para seus alunos e suas alunas por que determinado acontecimento de antigamente não acontece mais hoje, por que as mulheres antes não eram bem vistas ou quase não vistas, as negras apareciam apenas como empregadas e escravizadas e as brancas como cuidadoras do lar, por que grandes conquistas aconteciam apenas pela ação dos homens, por que só vemos ilustrações/imagens de homens nos livros didáticos e “quase nunca” aparecem as mulheres?. Os conteúdos precisam ser diversificados, trazendo assuntos antigos e atuais e que afetam a vida de diferentes pessoas:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular a seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, à abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, diversidade cultural, devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (DCNEB, 2013, p.115).

Conforme vemos acima, gênero e sexualidade são temas da vida humana, da vida social, por isso os e as alunos de todas as etapas da educação básica tem direito de acessar estes conhecimentos, romper preconceitos e desigualdades.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em seus princípios norteadores estabelece que o ensino precisa

partir também do “reconhecimento das identidades de gênero e étnico-raciais, assim como dos povos indígenas, quilombolas e populações do campo” (DCNEPTNM, 2013, p.255). Quando falamos em educação, não falamos somente da educação infantil, fundamental e apenas o ensino médio. Precisamos e devemos também falar dos cursos técnicos, aqueles que são integrados ao ensino de jovens e adultos e ao ensino médio, não podemos esquecer nenhuma modalidade ou etapa da educação básica. E no caso da Educação profissional técnica, conseguimos identificar como as diretrizes dessa modalidade se comprometeram de forma aberta no documento que é preciso reconhecer a identidades de gênero, além de outras identidades que nem sempre são reconhecidas e valorizadas na escola.

No encerramento deste tópico do capítulo, não podemos deixar de abordar a BNCC. A BNCC (2017) é o documento curricular nacional mais recente que temos no Brasil. Documento esse que seria para promover igualdade e formação do indivíduo, ajudando a construir uma sociedade justa e inclusiva, trazendo aprendizados essenciais a serem trabalhados na escola. Se esse é um documento que foi desenvolvido para cumprir com os componentes curriculares da educação, cabe a nós pensarmos o porquê não se fala sobre o tema de gênero dentro dos seus componentes?

Este importante documento nacional nos surpreende ao não trazer nenhum dado referente ao tema gênero, uma decepção, pois é um documento atual e ao mesmo tempo desatualizado. A palavra gênero só aparece como gênero textual relacionado a língua portuguesa e gramática. No momento em que a BNCC (2017) foi aprovada era um momento de tensão política e pessoas religiosas, conservadoras acabaram utilizando a questão de gênero para distorcer o que de fato são os estudos de gênero, até chamando pejorativamente de ideologia de gênero. O tema gênero não deveria ser excluído da BNCC, pois ele já é debatido nas diretrizes curriculares e como ele não aparece aqui, na BNCC? Contraditório isso, o documento mais recente que temos para nortear a igualdade de ensino e aprendizado, documento que deveria servir para trabalhar igualdade e respeito, ele mesmo se torna desigual e desrespeitoso, como podemos querer cobrar dos profissionais da educação, sendo que usam como base esse documento?

E infelizmente, hoje se temos dificuldade de trabalhar o que vários documentos curriculares defendem sobre a igualdade de gênero é também por

conta da BNCC (2017) ter eliminado o debate e reforçado indiretamente que não se discute gênero na escola.

Com isso a dificuldade de se trabalhar gênero na escola aumenta, em alguns casos os professores e professoras não possuem respaldo do grupo gestor, daí tudo bem, poderíamos pensar que eles possuem os documentos que os respaldam, mas de repente nos deparamos com a BNCC e a mesma não serve também para ajudar os profissionais, onde esses vão conseguir provar que está na lei, que deve estar presente no currículo escolar? Sabemos que não está. A escola se preocupa com “gráficos e dados”, sendo esses avaliados através de avaliações que são feitas anualmente nas escolas, e o tema gênero não está presente como assunto nessas provas, para que então se preocupar em trabalhar algo que não é cobrado. Por isso poderá continuar a passar despercebido aos olhos da educação.

2.2 As diferenças e desigualdades de gênero começam cedo: naturais ou ensinadas?

Conforme já estudado, o gênero é algo cultural, algo que nós aprendemos desde que nascemos com as nossas famílias e com o convívio social. Quando começamos a estudar, a instituição de ensino se torna um dos espaços fora do ambiente familiar que começa a ensinar as normas de gênero, o papel do homem e da mulher em sociedade.

Desde a educação infantil as crianças começam a entrar em contato com as formas estereotipadas do que é ser homem e ser mulher. Nos primeiros anos da educação infantil as crianças já começam a serem ensinadas que existem brincadeiras para meninos e meninas, brinquedos para meninos e meninas, coisas classificadas como de meninas e de meninos. E são nesses primeiros anos de ensino e vivência escolar que deveriam ser ensinados sobre igualdade de gênero, para que as crianças possam crescer aprendendo sobre sua identidade, aprendendo a respeitar ao próximo, conhecendo brincadeiras e brinquedos vivenciados tanto por meninas quanto por meninos, e que todos e todas podem e devem realizar qualquer tipo de serviço e ajuda, aprendendo a se desenvolver como ser humano, conseguindo futuramente desempenhar atividades as quais tenha proximidade e tenham o direito de se identificar.

Contudo, Finco e Viana (2009) explicam que até hoje tem muita gente que pesquisa diferenças entre os sexos e entre o cérebro do homem e da mulher:

[...] algumas pesquisas sustentam que, para além das diferenças anatômicas entre os sexos, o cérebro de meninas e de meninos processa de modo essencialmente distinto a linguagem, as informações, as emoções, o conhecimento e tantas outras características, tidos como naturais, que conduziriam as distinções de comportamento e de habilidades cognitivas (2009, p.267).

Analisando o trecho acima, com o conceito de gênero trabalhado no capítulo 1, podemos perceber que tudo isso vem da cultura, do que ensinamos, pois se fosse natural, todos os homens e mulheres que vivem em diferentes lugares do mundo, viveriam de forma igual também o gênero. Essas diferenças não são naturais, as autoras nos mostram isso e diversos estudos de gênero, estudos mencionados no capítulo 1. Às vezes vem de uma educação e principalmente de uma cultura, em que estamos inseridas (Scott, 1989).

Quando nascemos, nós passamos a conviver com pessoas dentro da própria casa (família), com o passar do tempo conhecemos outras pessoas, outros lugares e passamos a conviver em outros espaços, conhecemos a cultura através dessas pessoas e começamos a aprender as coisas que nos ensinam, por isso aprendemos que meninas brincam de casinha, bonecas, escolinha, cuidam da casa, dos filhos e filhas, e que os meninos brincam de carrinho, lutinha, bola, bicicleta e que não podem chorar, devem ser fortes e trabalhar. São esses ensinamentos que são passados desde a nossa infância, essa distinção de “coisas ditas como de menino e menina”. Então, em uma cultura dividida por gênero tão forte fica difícil acreditar que as diferenças venham na maior parte da biologia (Furlani, 2016).

A escola e a família são as primeiras a adequar as crianças às expectativas de gênero, impondo regras e modos de viver. Finco e Vianna (2009, p. 265) trazem em seu texto que: “as relações de gênero e poder estão presentes nos processos de socialização de crianças pequenas e [...] as estratégias voltadas para a normalização e o controle das expressões corporais de meninas e meninos”. As autoras observam as relações de professoras², alunas e alunos de uma pré-escola municipal de São Paulo. Na pesquisa foi possível perceber as reproduções que são feitas a partir do que sempre foi imposto pela sociedade. Professoras da EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil estudada, relatam que as meninas são mais

² Termos como professora, professor, aluno e aluna nem sempre refletem a educação infantil, mas são os utilizados pelas autoras, ao pesquisarem a pré-escola.

delicadas e os meninos mais agitados, atribuindo a eles o fato de não serem delicados. Para essas professoras, as meninas não possuem facilidade e nem habilidades em jogar bola, já os meninos são “fominhas”. Percebemos então que são características postas a partir dos comportamentos esperados para cada gênero, comportamentos esses que ainda insistimos em atribuir tanto as meninas quanto aos meninos (Finco e Vianna, 2009).

As professoras do estudo de Finco e Vianna (2009) relatam as diferenças percebidas entre os meninos e as meninas, reforçando que: as meninas são meigas, tranquilas, dóceis e caprichosas, e os meninos, são: agitados, descuidados, ativos e sem paciência (Finco e Vianna, 2009). Será que é assim mesmo? Será que é assim sempre? Ou nós impomos e esperamos que assim seja? Sempre procuramos reforçar que as meninas devem se comportar, manter as roupas e o corpo limpo e cheiroso, as atividades escolares devem ser lindas e impecáveis, organizadas e bonitas, meninas tem que ser mais passivas e educadas. Já para os meninos impomos que eles precisam ser fortes e corajosos, não podem chorar e nem correr de situações difíceis, precisam ser ágeis, gostar de jogar bola, correr e muitas vezes não nos importamos e nem cobramos se são desorganizados e desatentos, até mesmo se não são caprichosos nas atividades não cobramos e falamos que é normal, porque são meninos. Vivemos presos e presas a esses tipos de atitudes, reforçando cada dia que passa que ainda vivemos em um mundo com uma visão machista, marcado pela desigualdade de gênero.

Dessa maneira estamos reforçando o machismo desde a infância e colocando um grande problema à frente, lá no futuro. Pois, pensando assim, como queremos que os meninos de hoje tenham um olhar de homem não machista no futuro ao olhar para uma mulher. Como os homens terão um olhar humanizador com as mulheres se desde cedo eles aprendem que não podem realizar as atividades ditas de meninas, aprendem também que meninos não brincam com brinquedos e brincadeiras ditas de meninas e que meninos e meninas não podem “brincar juntos”.

A diferenciação entre homens e mulheres, em nossa sociedade, coloca a mulher como inferior:

Frases como “ele corre que nem menina” ou “ela trabalha duro que nem homem”, são exemplos de como os comportamentos esperados para homens e mulheres podem ser hierarquizados e construir polos de valorização e desvalorização. Quando alguém afirma que um garoto “corre que nem menina”, está usando essa expressão de forma negativa, de modo a desqualificá-lo. Em contrapartida, a

expressão “ela trabalha duro que nem homem” é usada de forma positiva e valoriza o trabalho de uma mulher: usa-se o estereótipo de que todo homem é trabalhador e, se uma mulher também o é, ela é logo valorizada pela comparação com eles (Escoura, Lins e Machado, 2016, p.10).

A nossa sociedade subestima muito o que determinados seres humanos³ são capazes de realizar, um exemplo disso são as atitudes que são impostas para mulheres e para os homens, sendo divididas em atividades que são consideradas próprias das mulheres “naturais” e que por isso poderiam ser realizadas por mulheres, quando isso inverte e são realizadas por homens, dependendo da atividade, existe um esboço de surpresa das pessoas e comentários do tipo: “nossa, você sabe limpar a casa” “nossa que pai excelente, pois dá banho nos seus filhos”. Ao mesmo tempo, temos esboços de surpresas quando as mulheres realizam atividades ditas para “homens”: “nossa, eu não sabia que você conseguia fazer isso”. Além desses exemplos temos as surpresas de tom homofóbico e machista, de crítica, direcionada aos homens ao realizarem atividades “ditas” para as mulheres: “ui mulherzinha”. Nesse sentido podemos perceber que a sociedade valoriza ou desvaloriza levando em conta o que cada um é supostamente capaz de realizar, se você mulher consegue realizar algo que só os homens fazem você é “mulher macho”, para alguns é visto com admiração, para outros como preconceito. E se você, homem realiza algo que só as mulheres “devem exercer”, exemplo: serviços domésticos, é malvisto por alguns (homofobia) e para outros como admiração (machismo por fazerem algo melhor que as mulheres).

É dessa forma que normas de gênero são reforçadas sem sequer percebermos:

Quando generalizações como essas são repetidas em casa, na igreja, na televisão, na escola ou nas diversas situações do dia a dia, reafirmam-se normas de gênero. Toda vez que uma pessoa diz “isso é coisa de menina”, “mulher é assim” ou “homem não faz isso”, não está apenas justificando comportamentos a partir das diferenças entre os sexos, mas também está ensinando como ela e toda a sociedade esperam que homens, mulheres, meninas e meninos se comportem e limitando suas possibilidades de existir no mundo (Escoura, Lins e Machado, 2016, p. 10).

³ A sociedade não valoriza e também inferioriza as pessoas pela cor da pele, pela classe social, pela condição física ou cognitiva, pelo peso corporal, por vários outros motivos, não apenas o gênero. Nossa sociedade até hoje, em pleno século XXI não consegue lidar e superar o racismo e diversos outros preconceitos e discriminações.

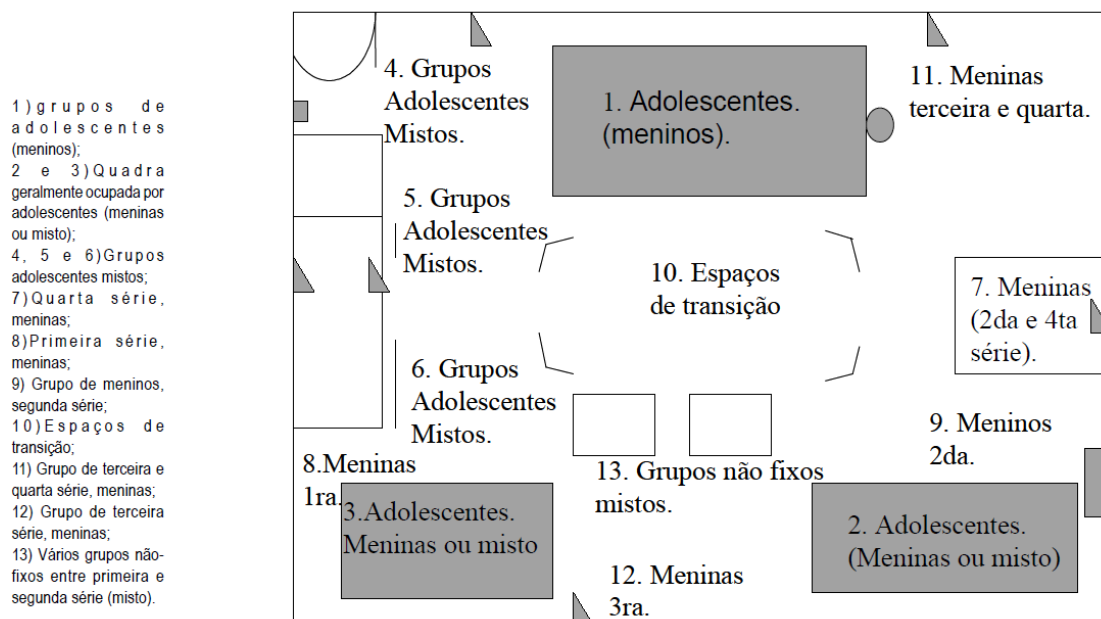
Em diversas situações do nosso dia a dia ouvimos e até reproduzimos generalizações acerca das diferenças de comportamento, reafirmando as normas de gênero. A sociedade ensina e mostra como mulheres e homens, meninas e meninos devem se portar, tentando justificar comportamentos a partir das diferenças de sexos, e esperando que tanto mulheres quanto homens, meninas e meninos se comportem nessa regra, limitando assim, suas possibilidades de existir no mundo. Com Finco e Viana (2009) identificamos que essa repetição das normas de gênero acontece com muita frequência na educação infantil, as professoras reproduzem as diferenças entre meninas e meninos, usam termos no masculino para referir as meninas, apagando as mulheres da linguagem. E isso não acontece porque elas querem ou que supostamente seja culpa das professoras, a sociedade é desigual, para que haja mudanças é necessário que: exista formação inicial de qualidade e continuada, com as faculdades ofertando cursos, pós-graduação e na própria escola a coordenação pode oferecer, discussões, para que essas profissionais enxerguem aquilo que parece natural, e passem a educar de outro jeito.

2.3. A desigualdade de gênero nas interações entre as crianças: o recreio escolar

A desigualdade de gênero é algo tão forte e ensinado sem que a gente perceba que mesmo quando as crianças estão mais livre, brincando, ela aparece. Na escola um dos momentos que podemos observar essa desigualdade é no recreio, nas sociabilidades, nas interações e nas brincadeiras entre os meninos e as meninas.

Vejamos a imagem abaixo, chamada “mapa do recreio” elaborada por Wenetz, Meyer e Stigger (2013, p. 120):

Wenetz I, et al.



Fonte: Mapa do recreio elaborado por Wenetz et al (2013, p. 120).

Este mapa foi feito por meio de uma pesquisa etnográfica, que contou com entrevistas com crianças estudantes do ensino fundamental I, de uma escola pública de Porto Alegre. Nesse mapa aparece descrito os espaços utilizados pelas alunas, alunos no recreio escolar.

As autoras e o autor da pesquisa, atuam no curso de educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e escreveram essa pesquisa voltada para o comportamento das crianças durante o recreio escolar, de acordo com os estudos de gênero as divisões que ocorrem no pátio escolar durante o recreio.

No estudo, as autoras e o autor perceberam que durante o recreio, em muitos momentos é visível a divisão: meninas de um lado, meninos de outro, exemplo: enquanto meninos gostam de correr, pular, escalar, saltar, gritar, brigar e jogar futebol, as meninas preferem um local onde possam ficar conversando, observando e quando ocupam as quadras é para jogarem voleibol. Em Porto Alegre, notaram que as meninas mais novas gostam de brincar de pique e pega ou alguma outra brincadeira. Observaram que o espaço tem lugares mais valorizados e estes são ocupados pelos meninos adolescentes, e é assim porque já aprenderam que “meninos mandam no recreio”. E especificamente os meninos maiores, pois os menores não têm vez e precisam obedecer aos mais velhos. Notaram que os

meninos mais velhos mandam no espaço do pátio, pois conseguem brincar em qualquer local e de qualquer coisa, com ou sem bola, com ou sem quadra, meninos não ficam quietos e não obedecem com facilidade. Já as meninas, perceberam que ficam mais quietas, conversando, ou não fazendo nada, apenas observando, muitos demonstram gostar de sair andando pelo pátio, em formato de passeios. No geral, as meninas ficam mais na delas, entre as meninas, parece não existir autoritarismo muito acentuado com relação a idade, conseguem se dar bem e dividirem o mesmo espaço na medida do possível.

Esse não é o único estudo a notar que as crianças expressão a desigualdade de gênero quando estão sozinhas. No ano de 2017, os autores Dias, Vieira e Rios realizaram um estudo etnográfico pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, em que este consistia observar crianças do quinto ano de uma escola localizada no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru no estado da Bahia.

A partir dessa observação notaram perceberam que as meninas preferiam brincadeiras como: “casinha, boneca, pula-corda, roda e amarelinha, enquanto para os meninos eram: pega-pega, pega-ladrão e bola” (Dias, Rios e Vieira, 2020, 284). Logo nesse primeiro momento já perceberam as desigualdades de gênero sendo expressadas pelas alunas e alunos, pois nesse caso vemos que meninas estão brincando com brincadeiras ditas para meninas e os meninos com brincadeiras ditas para meninos, aprendem essas diferenciações fora e dentro da escola, sempre sendo reforçadas pelas pessoas adultas, como sendo naturais. Perceberam também que a maioria dos meninos e meninas não brincavam juntos durante o recreio, e quando questionadas, as meninas diziam: “os meninos são ousados” (Dias, Rios e Vieira, 2020,286), e quando os meninos eram questionados sobre brincar com as meninas, eles respondiam que: “as meninas não chamam a gente para brincar” (Dias, Rios e Vieira, 2020, 286).

Teoricamente, as meninas aprendem e reproduzem social e culturalmente que menina não anda e nem brinca com menino, pois são dois modos de ser incompatíveis na convivência cotidiana, ainda que muitas não concretizem essa idealização dos adultos (Dias, Rios e Vieira, 2020, p.286).

Os autores puderam perceber, conversando com as crianças, que principalmente as meninas já trazem de casa o seguinte argumento: meninas não podem brincar com meninos, os meninos são violentos e machucam. Dias, Rios e Vieira (2020) observaram essa turma do 5º ano por algumas semanas e depois

realizaram uma roda de conversa com as alunas e os alunos e mais uma vez foi reforçado, nas falas das crianças, a visão desigual de gênero. Os meninos pontuaram que: meninas não gostam de brincar das brincadeiras dos meninos porque elas vão transpirar e se sujar, as vezes as meninas se machucam e vão correndo contar para a professora. Os meninos descrevem as meninas de forma machista, decidindo se as meninas podem ou não brincar e descrevem as meninas como “sensíveis” e cheias de “não me toque” (Dias, Rios e Vieira, 2020).

No estudo, uma aluna surpreendeu a turma ao falar que não concordava com a separação de brincadeiras de meninas e de meninos, pois se ela quisesse poderia brincar de carrinho, bola, pega ladrão, entre outras brincadeiras. Essa fala se deu pelo fato de terem recebido na escola uma palestrante policial, com isso ela pode perceber que meninas podem sim fazer o que quiserem, mesmo sendo atividades ditas para meninos (Dias, Rios e Vieira, 2020). Essa reflexão da aluna nos mostra como gênero não é natural e sim construído, a simples presença de uma mulher policial em uma palestra abriu o olhar dessa aluna sobre o que as meninas também podem fazer.

Um outro estudo feito em 2014 com crianças, aqui no estado de Goiás, mostra dados semelhantes as duas pesquisas já citada. Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica realizada pela estudante Carvalho da Universidade Estadual de Goiás –UEG e sua professora orientadora Freitas. Elas, Carvalho e Freitas (2014) observaram as ações de crianças em duas escolas da rede estadual, na cidade de Jaraguá em Goiás.

As pesquisadoras filmaram e logo após descrevem como era o desenvolvimento e envolvimento das crianças durante o recreio escolar. Carvalho e Freitas (2014) observaram que as meninas andam sempre juntas, elas quase não correm e procuram ficar mais quietas conversando e observando, enquanto os meninos estão sempre correndo, pulando, gritando. Durante as brincadeiras eles transpiram, se sujam e não parecem se importar. Meninos fazem brincadeiras com os colegas “mais agressivas” e corporais, tais como, derrubar no chão, dando rasteiras um no outro, e as vezes caem e se machucam, mas não demonstram se importar, logo se levantam e vão para cima do colega.

As autoras dialogaram com as professoras da escola, no relato de uma delas vemos afirmações de gênero:

Normalmente as meninas são mais tranquilas que os meninos. As meninas falam muito e os meninos são mais agitados assim com o corpo. As classes com mais meninos são mais agitadas. As meninas, eu costumo chamá-las de princesas, então é uma relação mais meiga, mais doce mesmo. E os meninos são os meus rapazes... os meus rapazes são mais ativos, gostam de correr, de pular, não param quietos no lugar. As meninas são mais meiguinhas, são mais dóceis, mais caprichosas, mais atenciosas. Os meninos gostam mais de brincar, são mais descuidados, mais agitados, tem uma diferença muito grande. Eu não tenho um aluno que tem o capricho de muitas meninas, a maioria dos meus meninos faz as coisas de qualquer jeito, não tem cuidado, não é caprichoso, deixa as coisas jogadas, não tenho menina que deixa o estojo jogado no chão. Os meninos não têm muita paciência para se apegar nos detalhes das atividades, eles querem acabar logo para poder brincar, para ficar livre. As meninas já são mais cuidadosas, se preocupam com detalhes. Elas se preocupam com o que eu vou achar do trabalho delas, os meninos não estão nem aí (Carvalho e Freiras, 2014, p.4).

É quase que unânime escutarmos esse tipo de fala por parte de professoras e professores nas escolas, o estudo de Finco e Vianna (2009) demonstrou dados muito semelhantes, de que as crianças expressam diferenças de gênero, mas que principalmente as professoras enxergam e reforçam essas diferenças.

E ao abordamos isso não queremos culpar as professoras, mas refletir sobre o assunto. Nascemos em uma sociedade que desde muito tempo está organizada na desigualdade de gênero. E no presente, vemos meninas sendo criadas para terem o comportamento de “submissas” aos meninos. Para os meninos, vemos o reforço de serem os “valentes” e “corajosos”, que por sua vez mandam nas meninas com autoridade e as vezes até como se elas fossem propriedade.

Vejamos a imagem abaixo:



Fonte: Imagem registrada pelas pesquisadoras (Carvalho e Freitas, 2014, p. 06).

Nessa imagem podemos perceber que nenhuma menina está por perto brincando com eles. Mais uma vez percebemos as diferenciações nas brincadeiras de meninas e meninos, onde cada qual fica no seu espaço, não se misturam e pouco brincam uns com os outros.

Podemos refletir também que nem sempre a escola, professores e professoras tem condições de ir mudando essa cultura de separação, de desigualdade de gênero. As barreiras encontradas são muitas, mas duas delas são as mais visíveis: 1- as famílias, que podem acreditar que as meninas precisam aprender desde cedo a cuidar da casa e dos filhos, que os meninos não podem aprender a ser amorosos ou a cuidar, por homofobia e 2- ausência de formação dos e das professoras para conseguirem entender o que é gênero, que é construído e que podemos mudar as desigualdades no cotidiano escolar.

2.4. Mudar o olhar: superar o androcentrismo e a masculinidade no centro da escola

Sabemos e já falamos em diversos momentos neste TCC que a escola tem uma função importantíssima na vida de cada pessoa. Justamente por isso, não podemos aceitar que dentro das escolas continuem a reproduzir o machismo e a desigualdade de gênero. É preciso acreditar que a escola pode ser diferente:

[...] Sua missão pode ser muito diferente. Em lugar de ensinar o que outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo (Moreno, 1999, p.17).

Concordando com pedagoga espanhola e estudiosa de gênero Moreno (1999), a escola pode fazer a mudança na vida dos indivíduos de forma bastante positiva e através dela pode-se também começar as mudanças da forma como o mundo enxerga o que é ser homem e o que é ser mulher.

Precisamos ter esperança e acreditar que depois de tantos séculos de luta feminina é possível fazer diferença e mudar o que o existe e ainda está impregnado na nossa sociedade, o “androcentrismo”.

De todas as pesquisas que lemos e refletimos, ainda é muito forte o androcentrismo, ao lermos sobre as pesquisas no recreio, o comportamento de meninos, ainda na infância e outros na adolescência nos mostram que as meninas ficam em segundo plano no próprio espaço físico da escola.

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo (Moreno, 1999, p.23).

Depois de tantas conquistas feministas precisamos romper as barreiras e superar o androcentrismo. As mulheres precisam ser reconhecidas por suas capacidades. Na escola é preciso romper as barreiras dentro do ensino das diversas disciplinas, mostrar o que os livros não mostram, as grandes autoras, pesquisadoras, cientistas, atletas, escritoras, motoristas, enfim, em todas as profissões existem mulheres que desempenham papéis tão bons quanto os homens.

A autora Moreno (1999) destaca que o androcentrismo apaga as mulheres da escola. E isso nós vemos refletir na forma como os meninos e meninas se comportam. E a superação do masculino como centro de tudo precisa começar com os conteúdos. Qualquer pessoa nota que até hoje os livros e a escola só lembram dos homens, em especial, os homens brancos. As mulheres são excluídas da história da humanidade, se observarmos direito o que os livros, principalmente os de história nos contam, só aparecem os homens guerreando, caçando, cultivando, ganhando lutas, fazendo história (maioria retratada são homens dominadores e também temos os resistem a dominação). E as mulheres, onde estão? São severamente excluídas, e nem sempre é simples culpar a autora ou do autor do livro, mas entender que o masculino foi colocado no centro de tudo e que isso aparece em todos os espaços sociais.

A pedagoga Moreno (1999) aborda também que se temos menos mulheres engenheiras, matemáticas, cientistas é também por conta da forma como as meninas acessam estes conteúdos na escola. A partir do momento em que alunas e alunos começam a aprender matemática, física, química e biologia, o machismo vem mais uma vez tomar de conta dos conteúdos ensinados, a começar pelos grandes matemáticos, cientistas, físicos, químicos e biólogos, nesse caso raramente estudam mulheres dentro dessas áreas. E mais grave, quando ensinado na escola, temos

outras formas de exclusão, como quando professores e professoras acreditam e até dizem que os meninos dominam mais esse conteúdo do que as meninas, menosprezando a capacidade das meninas em aprender e desenvolver cálculos (Moreno, 1999).

É necessário romper as barreiras e mostrar que todas as mulheres possuem capacidade. De acordo com Moreno (1999) é preciso mudar também a linguagem e a forma como falamos das meninas, que elas não sejam apagadas, com tudo sempre no masculino. Mudar os livros didáticos, em que as mulheres são retratadas realizando apenas tarefas domésticas (limpando, cozinhando, servindo) ou ditas femininas, enquanto os homens ocupam os outros espaços (Moreno, 1999). Precisamos nos atentar para a nossa fala dentro e fora da sala de aula, as nossas visões de gênero, estudar e lutar por formação docente, para que todas as pessoas das escolas tenham a oportunidade de repensar suas ideias, rejeitar o androcentrismo e oferecer uma educação antimachista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa monografia nosso objetivo foi discutir as questões de gênero na escola. Durante o estudo tivemos como objetivo geral compreender por meio de uma pesquisa teórica e bibliográfica o que é gênero e como as suas questões aparecem na escola.

Os objetivos específicos foram primeiro entender o que é gênero e segundo analisar como as questões de gênero aparecem na escola: nos documentos curriculares, na visão das professoras e professores e na relação entre as crianças.

Para Scott (1995), gênero pode ser definido como uma categoria de análise, exemplo: conseguimos analisar o salário da população através das categorias gênero, analisar quem vive mais, quem morre mais, quem cuida mais, enfim, diversas pesquisas faz o uso através dessa categoria para trazer dados relevantes para a nossa sociedade, mesmo que alguns dados às vezes sejam ignorados, podem nos fazer seres mais questionadores. Scott (1995) também afirma, que não é possível estudar as mulheres isoladamente, os homens também precisam ser investigados.

Foi a partir de Joan Scott que a palavra gênero se popularizou a partir dos anos de 1990, na época soando até chique sendo colocado no lugar de mulheres ou feminismo, mas logo depois isso foi modificando, como podemos perceber ao longo do texto e foi entendido como construção social das diferenças de sexo.

Para Louro (1995) gênero não tem explicação biológica, e sim social, as instituições são “generificadas”, organizadas de acordo com o gênero, exemplos: escola: um ambiente feminino, pois a maioria das pessoas que trabalham nessa instituição são mulheres, maioria professoras, poucos professores homens; nas igrejas: líderes religiosos em sua maioria são homens, as religiões em si são masculinas, um exemplo disso vem da igreja católica, onde vemos a figura só masculina a frente do movimento religioso; no meio judiciário também vemos bastante explícito a figura masculina, onde quase não vemos juízas e sim juizes; no meio militar, no exército e nas forças armadas, a figura que mais se destaca é a masculina, pois se trata de um espaço onde a “masculinidade” e “estratégia” são consideradas as principais ferramentas e as mulheres não possuíam a mesma oportunidade por serem consideradas “burras”, que não conseguiriam desempenhar os mesmos serviços masculinos. Inclusive, as mulheres conseguiram adentrar no meio militar através de serviços prestados voluntariamente, como: ajudantes, enfermeiras, cozinheiras, médicas, entre outros, só mais tarde é que começaram a lutar por vagas e conseguir adentrar de forma a “servir a pátria”.

Por último analisamos gênero e sexo são coisas diferentes, segundo a autora Furlani (2016) que é bióloga e feminista, “o gênero é tudo aquilo que a sociedade e a cultura esperam e projetam, em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades etc. para o menino e para a menina” (Furlani, 2016, s/p).

Com essas autoras foi possível alcançar e concluir o primeiro objetivo específico, que era compreender o que é gênero. Gênero é entendido pelas autoras

como algo cultural, enxergando que as características que determinam os sexos e que de acordo com essas características é que determinamos o desempenho de meninas e meninos, mulheres e homens.

Sobre o segundo objetivo de pesquisa, buscamos refletir sobre como as questões de gênero e a própria desigualdade de gênero aparece na escola. No capítulo 2 socializamos os resultados de pesquisa alcançados. Como primeiro resultado identificamos que sobre o currículo, o que se ensina na escola deveria respeitar as diretrizes e documentos curriculares, tais como: Diretrizes para a Educação básica, Diretrizes para a Educação Infantil, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional Técnico e a Base Nacional Comum Curricular. Em muitos destes documentos há a menção do gênero, mas na prática sabemos que não são discutidos dentro do ambiente escolar, principalmente nos últimos anos, que o gênero tem sido atacado na política, na mídia e retirado dos planos das escolas.

Durante a escrita desse capítulo eu pude refletir o quanto as diferenças de gênero estão no próprio olhar das professoras sobre as crianças, desde a educação infantil. Na produção das autoras Finco e Vianna (2009), percebemos o olhar das professoras perante as crianças, reforçando as desigualdades de gênero:

As meninas [...] carregam a obrigação de ser delicadas, organizadas e obedientes. Meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades no sentido de corresponder às expectativas quanto as características mais desejáveis para o que é definido como pertinente a um modelo singular e unívoco de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade (Finco e Vianna, 2009, p.279).

As pesquisadoras até notaram que as professoras cobram que os meninos sejam mais pacientes, calmos e organizados, pedem para conversar menos e falar mais baixo, pois são barulhentos, e quando os alunos não seguem as ordens das professoras, as mesmas usam de autoridade para punir os alunos, exemplo: colocam para serem os últimos a saírem da sala, os últimos a irem para o recreio escolar, proíbem realizar atividades de recreação e em alguns casos até deixam de castigo dentro da sala sentado na cadeira enquanto os demais realizam atividades de recreação. Nesse caso, os meninos recebem esse tipo de punição e as meninas

também são punidas, pois precisam seguir uma “norma posta” para elas, serem educadas, organizadas e obedientes. Meninas recebem a punição mesmo quando não fizeram nada.

A escola infelizmente é muito sexista, conforme indica Moreno (1999), na obra “Como se ensina a ser menina”. A escola vive rodeada de preconceitos no que diz respeito ao sexismo, discriminações baseadas no sexo. Outro assunto abordado por Moreno é sobre a história das mulheres, que são pouco estudadas, as mulheres não aparecem nos livros didáticos sendo exaltadas como os homens, mulheres guerreiras, mulheres que venceram a opressão, mulheres estudiosas e inteligentes, mas sim como cuidadora, amorosa e servis.

Também notei com estudo que as separações de gênero aparecem mesmo quando as crianças estão sozinhas, no recreio escolar. As meninas quando observadas, estão sempre em grupos, em um pequeno espaço e as vezes próximas de algum adulto. Os meninos, especialmente os mais velhos, dominam o espaço físico do pátio, escolhem e determinam mais como as coisas se darão.

Durante a minha pesquisa eu observei que é preciso mais estudos e tempo de análise para compreender o gênero. Eu gostaria de ter tido mais tempo e ter feito também um levantamento de dados junto a uma escola por exemplo, analisando o comportamento das crianças e das pessoas da escola. Nenhuma pesquisa é perfeita, a minha está longe de ser, pois sempre tem algo que podemos investigar e estudar mais, mas o tempo não permitiu. Gostaria de ter aprofundado mais nas questões de gênero desde a educação infantil até o fundamental I, com mais atenção. Ter debatido também como as questões do racismo também reforçam o gênero. Ter percebido a homofobia que é muito presente nas divisões de gênero. Ou ter estudado como as próprias professoras são desvalorizadas nos seus trabalhos por uma questão de gênero.

Com essa pesquisa pude perceber o quanto vivemos ainda em uma sociedade machista, com as leituras percebi como a nossa sociedade se comporta perante as questões relacionadas a gênero. E mais, consegui entender que as desigualdades de gênero existem sim na escola e elas aparecem de diversas maneiras, nos conteúdos estudados (currículo), na visão das professoras e professores até mesmo quando as crianças estão sozinhas, brincando no recreio escolar.

Para mim, foi importante aprender tudo isso. Em um primeiro momento pensei que não conseguiria escrever sobre gênero, pois como eu disse lá na introdução, nunca tinha estudado sobre o tema antes e no curso de pedagogia bilíngue tive a oportunidade, mas em uma disciplina curta, uma optativa. E foi através dessa disciplina que o meu interesse aumentou, desejando conhecer e estudar sobre o assunto. Durante a minha escrita aprendi bastante e pretendo continuar estudando sobre o tema daqui para frente. Ainda me sinto crua para falar com propriedade, mas o interesse de estudar se tornou maior e desafiador, contribuiu de uma tal maneira para a minha formação que dá vontade de sair de escola em escola conversando com os e as profissionais sobre o tema, levando os estudos da área para que as barreiras e preconceitos sejam rompidos. Meu desejo é olhar e perceber que conseguimos acabar com as desigualdades e preconceitos de gênero, fora e dentro das escolas, para que meninas e meninos cresçam com consciência e determinação, não aceitando o que a sociedade nos impõe, mas sim, criticando e buscando mudanças para o nosso futuro.

É muito triste perceber que temos documentos educacionais que falam sobre o tema e como deve ser combatida a discriminação na educação, desde a educação infantil até o ensino superior, mas que muitos não parecem ter efeito prático. Após a BNCC (2017) vivemos mais um retrocesso e atraso, fico pensando se algum dia tudo isso vai mudar, se é possível podermos viver em uma sociedade com instituições de ensino que defendam e abracem a todos e todas sem discriminação, seja ela de gênero, racial, orientação sexual, classe social. Será que veremos isso no futuro?

Finalizo aqui minha pesquisa com muitos aprendizados e entendimentos sobre gênero, mas também deixo essas indagações para que eu consiga em um futuro próximo respondê-las. Eu fico particularmente muito decepcionada em ver que muitos compromissos em nossos documentos ainda não alcançaram a prática, pois já vivenciei como professora e percebi que isso não é feito. O meu desejo principal nesse momento, de encerramento da minha pesquisa, é retornar para a sala de aula como profissional formada em pedagogia e começar a colocar em prática tudo o que aqui eu pude aprender que não deve ser feito, e que mesmo assim a sociedade ainda continua reproduzindo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; AMARAL, Silvia Cristina Franco; AYOUB, Eliana. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”. **Estudos femininos**. Florianópolis. 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro; **Currículo sem Fronteiras**, 2011, v.11, n.2, pp.240-255.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. Disponível: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>, 2016.

CARVALHO, Laís Lourrany da Silva Carvalho. **Brincadeiras de crianças: questões de gênero**. 2014-2017.

CRUZ, Tânia Mara. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. Belo Horizonte; **Educação em Revista**, 2014, v.30, n.01, p.157-188.

DIAS, Alfrancio Ferreira; VIEIRA, André Ricardo Lucas; RIOS, Pedro Paulo Souza. Relações de gênero no recreio escolar: brinquedos, brincadeiras, construções sociais. **Educação em Foco**. Belo Horizonte. 2020.

ESCOURA, Michele; LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo. Reviravolta. 2016.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Unicamp; Grupo de estudos de educação infantil**, 2003, v.14, n.3.

FURLANI, Jimena. **Entrevista, Pública**. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

Hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras**. Rosa dos Tempos, 1. ed., Rio de Janeiro, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática [livro eletrônico]**. São Paulo, Cortez, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. 1995.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**. Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann; STIGGER, Marco Paulo; WENETZ, Ileana. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. São Paulo. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, 2013.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo, Moderna, 1999.

RIBEIRO, Amanda de Souza; PÁTARO, Ricardo Fernandes. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. Campo Mourão. **Revista Educação e Linguagens**, 2015, v.4, n.6.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, vol.20, n.2, Porto Alegre, 1995.

VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernus pagu** (33), 2009.

Documento Digitalizado Público

TCC Versão Final

Assunto: TCC Versão Final
Assinado por: Matheus Souza
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:
■ **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 08/02/2024 14:39:05.

Este documento foi armazenado no SUAP em 08/02/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 542486
Código de Autenticação: 618cf5ecad

